

NO INÍCIO NÃO FOI ASSIM!

Apontamentos das intervenções de Davide Prospero e Julián Carrón
na Jornada de início de ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 30 de setembro de 2017

JULIÁN CARRÓN

Peçamos aquela pobreza que o Inominado de Manzoni nos fez desejar tantas vezes este ano, porque sem ela não temos a disposição necessária para iniciar, e tudo se torna inútil. Peçamo-la cantando o hino ao Espírito.

Vinde Espírito Santo

The things that I see

Negra sombra

DAVIDE PROSPERI

Bem-vindos. Em primeiro lugar, saudamos todos os presentes e as cidades ligadas em Itália e no estrangeiro, para este momento com o qual queremos iniciar o ano. Eu queria começar voltando a propor a pergunta dos Exercícios da Fraternidade que tivemos como tema neste verão: «A salvação continua a ser interessante para mim?». Esta palavra, tantas vezes esquecida diante das dificuldades, das incoerências e das dificuldades da vida, tornou-se para nós imprevistamente familiar. A palavra *salvação* tem dentro de si todo o sentido do próprio limite, do próprio mal, digamos até do próprio nada, e apesar disso, a aspiração a uma realização de bem, de grandeza, para o qual o nosso coração se sente feito. Todavia, vemos como a salvação nos parece ser inalcançável, porque sentimos que não a merecemos (pelo menos, quem tem um mínimo de consciência de si não pode deixar de ter alguma vez pensado isso) e parece-nos que todos os nossos esforços não bastam para a reconquistar. Pelo contrário, a hipótese de Jesus diante de Zaqueu, como dizia o Carrón nos Exercícios, inverte completamente a questão. Diz o Evangelho de Lucas: «Hoje a salvação entrou nesta casa» (cf. Lc 19,1-10). A salvação é Cristo, a Sua pessoa, e nós fomos interpelados pelo Seu olhar, que nos mudou. Não mudou logo, necessariamente, os interesses que temos, nem nos deu imediatamente a capacidade de não errar mais ou até apenas de nos corrigir. Aquilo que muda é que, acima de tudo, nos demos conta da Sua presença, graças a uma atratividade que irrompeu na nossa vida e nos magnetizou para Ele. A *gratuidade* dos jovens que este verão no Meeting passaram horas sob a canícula a fazer serviço de ordem nos parques de estacionamento, ou dos que mantinham limpas as salas e as exposições (e pagavam para fazer isso!), que impressionou toda a gente, não se percebe se se pensar que se trata apenas do fruto de um esforço de generosidade. Esta gratuidade só é possível se já se estiver satisfeito por aquilo que se recebeu. A *gratidão* é aquilo que vi brilhar nos olhos daqueles jovens, assim como se vê em muitos adultos

empenhados na sociedade. Vemo-la brilhar porque é expressão de um acontecimento presente, que talvez esteja a acontecer agora pela primeira vez na vida de uma pessoa, ou que volta a acontecer de novo depois de muitos anos. Eu vi isto circulando pelas muitas férias e pelos muitos gestos que fizemos este verão.

Quero contar um episódio pessoal que me aconteceu há algum tempo: era um daqueles dias (penso que já aconteceu a toda a gente) em que chegas ao fim e dizes: «Hoje não fiz nada de jeito». Mas, ao contrário de outras vezes, dei por mim de joelhos a dizer: «Senhor, eu hoje não tenho nada para te dar, mas estou aqui». E isto mudou, mudou tudo em mim: «Tu, Senhor, estás aqui, por isso eu também estou, e por isso amanhã posso ainda esperar, ainda que hoje não tenha nada para te dar». Eu penso que é da estatura humana desejar que a própria vida seja útil. Dom Giussani, aos 23 anos, escrevia: «Eu não quero viver inutilmente: é a minha obsessão» (L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2007, p. 33). É uma pequenez e uma mesquinhez pensar que o valor da vida esteja apenas naquilo que a vida me pode dar a mim. A grandeza do meu coração (a grandeza do coração de todos os homens) deseja que aquilo que eu sou possa ser útil à totalidade e, portanto, ao mundo. Pelo contrário, nós muitas vezes somos levados a identificar a utilidade da nossa vida apenas naquilo que podemos ter, ou apenas naquilo que nós somos capazes de fazer. Por isso pensamos: «Hoje não fiz nada de jeito, e por isso foi tudo inútil». Mas pode acontecer que nos demos conta, e isso aconteceu-me a mim, que existe uma utilidade maior: a utilidade de viver a dependência de Deus. Ou seja, que a utilidade da vida é corresponder a Quem te ama, é fazer alguma coisa que é útil para Quem te quer. Talvez aceitando simplesmente existir, depender de Quem te faz ser agora, como aconteceu neste verão com a dramática experiência de Charlie Gard, que nos comoveu. Para mim, o que determina a utilidade da vida está naquilo que um Outro que te faz existir vê em ti, não está naquilo que tu queres de ti. E portanto a vida torna-se útil quando se torna obediência: em última instância, é uma disponibilidade à presença de Cristo, um render-se àquela grandeza que um Outro, talvez dum modo diferente do que tu farias, quer realizar em ti e contigo, para o mundo. Vivemos para que Cristo seja reconhecido em toda a parte, vivemos para a glória humana de Cristo.

Agora queria perguntar-te: como é que podemos ajudar-nos a viver a consciência desta dependência?

CARRÓN

Quem entre nós não gostaria de ser surpreendido por alguma coisa que faz cantar tudo, como diziam as palavras de *Negra sombra*? Quando um tal acontecimento se dá, é fácil reconhecê-lo, de tanto que corresponde à espera do coração. Damos logo por ele, porque faz cantar tudo na vida. «Se cantam, és tu que cantas, se choram, és tu que choras, [...] és [tu] a noite e a aurora. Tu estás em tudo e és tudo para mim, em mim [...] vives» (R. de Castro-J. Montes Capón, *Negra sombra*, em *Cancioneiro*, (livro verde, *nt.*). Dependemos em tudo daquele Tu.

Nós descobrimos verdadeiramente o que esperamos quando O reconhecemos, nos acontecimentos através dos quais vem ao nosso encontro, pela Sua capacidade de fazer vibrar tudo aquilo que vivemos e que tocamos. Não é preciso nenhum “equipamento” especial, basta que aconteça propondo-se ao nosso coração. Basta ver as coisas que Deus faz para chorar de emoção, como diziam as palavras de *The things that I see* (ibidem, p. 402).

Quando uma pessoa vive esta experiência elementar não pode senão desejar que aquele “tu” nunca mais a deixe: «Nunca me deixes, sombra que sempre me surpreendes», terminava *Negra sombra*. O desejo de depender daquela presença torna logo tudo diferente. Como gostaríamos de ser constantemente surpreendidos por um acontecimento que faz tornar tudo novo! Então descobriremos de forma cada vez mais completa que se uma coisa canta é porque Tu a fazes cantar, se vibra é porque Tu a fazes vibrar, porque Tu estás em tudo, porque Tu vives em mim.

Quando não domina a surpresa deste acontecimento, o que é que ganha a dianteira?

1. O FORMALISMO

É fácil, como acabámos de dizer, identificar um acontecimento correspondente à vida, quando acontece; tanto quanto é fácil dar-mo-nos conta de quando não acontece, porque já não há música nos nossos dias, tudo se torna plano, formal. E a letícia desaparece. É de tal maneira claro que não podemos evitar percebê-lo.

«Sinto que cheguei a um cruzamento essencial da minha existência. Uma daquelas fases inadiáveis, decisivas». São as palavras de um amigo, que eu tinha lido a Escola de comunidade de junho passado, e que me acompanharam durante todo o verão, porque identificam onde está a armadilha. A sua carta continuava (retomo apenas algumas passagens): «A minha fé é formal, o meu viver é essencialmente moralista (quantas coisas “não se podem fazer” ou, pelo contrário, “não se podem deixar de fazer”: até os gestos grandes – Banco Alimentar, Banco Farmacêutico, Tendas de Natal, caritativa, fundo comum, Exercícios, Escola de comunidade, etc.). [Portanto, não é que não participe em gestos e iniciativas.] Mas o teste (sempre o mesmo, impiedoso teste), o teste da letícia, esmaga-me: não existe! Existe, ainda por cima, um relacionamento trabalhoso, pretensioso, egoísta. E já não posso mais. Queria ser alegre. E em vez disso, encontro-me depressa na rotina». A este ponto, o nosso amigo percebe o quanto se afastou da dependência que nos gera a todos: «Cristo está verdadeiramente separado do meu coração. A salvação não pode deixar de me interessar, mas penso sempre nela de acordo com um modelo meu. E depois de tantos anos no seio da história do movimento, não consigo acreditar que estou assim tão “reduzido”. A letícia está sempre noutra sítio!».

Esta carta ajuda-nos a dar-mo-nos conta daquilo que nos diz Dom Giussani (recordámo-lo nos Exercícios da Fraternidade): «Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo [se não

umenta a consciência da dependência d’Ele], não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que devíamos tratar com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social» (L. Giussani, «Apêndice», em Id., *Alla ricerca del volto umano*, Jaca Book, Milão 1984, p. 90). Se nós não vivemos tudo aquilo que nos é dado como um grito que nos remete para a memória de Cristo, nada daquilo que fazemos será capaz de satisfazer-nos e de dar-nos a letícia que, porém desejamos. O acontecimento de vida que nos abanou decairá em “coisas a fazer”, que serão como que um tributo a pagar para pertencer à nossa companhia.

Não é por acaso que Dom Giussani nos punha de sobreaviso contra o formalismo com que participamos nos gestos que nos são propostos, ilustrando-o com estas palavras: «Não se está em ordem porque se faz Escola de Comunidade [...] [ou] porque se participa na Santa Missa [...], não se está em ordem porque se distribui folhetos ou se penduram cartazes. Esta pode ser a formalidade com que se paga a portagem à realidade social a que se adere. Mas quando é que tudo isto se torna experiência? Quando te diz alguma coisa e move [...] alguma coisa em ti» (L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, BUR, Milão 2008, p. 194).

«Como sair disto?», perguntava-se o nosso amigo. A experiência feita ofereceu-lhe algumas sugestões através dos sintomas que apareceram (o formalismo, a rotina, o seu «não posso mais»), mas ele já tem o seu modelo para alcançar a salvação e não está disponível para o mudar: «Não me venham dizer que a inquietação que sinto é um “bem”, porque não o percebo mesmo. Não me venham dizer que o meu (eventual) grito [...] “serve”, e que Cristo está também ali, que me espera, e tudo quanto vivo não é para mais nada senão para mim! Só entendo tudo isto a nível formal, mas não existencial. Depois de tanto tempo, estou de novo na estaca zero”».

Mas como pode o nosso amigo compreender qualquer coisa a nível existencial, se se recusa a tomar a única estrada que o levaria a compreender?

Qual é essa estrada?

2. A ESTRADA DA EXPERIÊNCIA E DA HISTÓRIA

Para compreender qualquer coisa a nível existencial, é necessária uma atenção à experiência que fazemos, aos “sintomas” que ela continuamente nos oferece. A forma com que o Mistério nos faz perceber as coisas é sempre a história. Dom Giussani recordou-nos isso de forma incansável: «Para mim a história é tudo; aprendi com a história» (citado em A. Savorana, *Vida de Dom Giussani*, Edições Tenacitas, Coimbra 2017, p. IV).

Mas pode existir em nós uma resistência encarniçada à provocação da realidade. Como se não conseguíssemos perceber o que indicam estes sintomas, como se não captássemos a sua razão. Mas eles são como que o grito que Deus, cheio de ternura por nós, faz jorrar das nossas entranhas. Como se nos

dissesse: «Não te dás conta da necessidade que tens de Mim através dos sintomas que descobres em ti? Não é porque outra pessoa te diz, ou porque te envio um anjo, que te dás conta disso, mas por causa daqueles sintomas!». Até porque, se uma pessoa não está disponível para reconhecer aquilo que surge na própria experiência, se não presta atenção e não responde aos sintomas, «Tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite», como diz Jesus num determinado contexto (cf. Lc 16,19-31). Pelo contrário, quando uma pessoa está disponível para reconhecer um sintoma como algo de positivo, ou seja, como um chamamento do Mistério, vejam o que acontece. Uma amiga nossa, a Mireille, contou que a um dado momento da sua vida em família, sem se dar conta disso, se perdeu em relação à origem do seu amor, ao início da relação com o homem com quem tinha casado. E foi exatamente isso que se tornou para ela num desafio: aconteceu alguma coisa, que o Mistério usou para a provocar, para a tornar consciente daquilo de que se tinha perdido. Não houve uma crise de casamento evidente, continuava a fazer todas as coisas de antes, mas tinha perdido a origem. Com efeito, conta: «Estamos juntos, fazemos as coisas juntos, tratamos dos miúdos, da casa, somos solicitados pelas nossas duas famílias, a nossa casa recebe todos os fins de semana alguns miúdos da rua que acompanhamos, cada um de nós faz bem o seu trabalho, ajudamo-nos também reciprocamente no trabalho, mas [eis o ponto] afastámo-nos, distanciámo-nos um do outro. O desejo expresso por uma pessoa [que se tinha interessado por ela] fez-me perceber que [a questão] não é tanto o facto de que entre o meu marido e mim se tenha instalado um mal-estar, uma distância, mas que Cristo já não é o ponto de partida do nosso quotidiano. [Cá está como é que as coisas se percebem existencialmente.] Aquilo que ardia em nós, e que nos tinha feito ir contra a corrente em relação à realidade do casamento na nossa cultura, era o fogo que vinha de Cristo. Este fogo impeliu-nos a uma vida de casal tão bonita que nos sentíamos únicos no mundo, mas hoje restam-nos as brasas que arriscam tornar-se cinzas... Aquilo que sentimos agora é o peso do nosso quotidiano». É fácil reconhecer quando é que o fogo que vem de Cristo já não queima: o peso do quotidiano torna isso evidente, a vida deixa de cantar.

A este ponto, vê-se se uma pessoa está verdadeiramente disponível para aprender com aquilo que acontece, ou seja, a receber um sintoma reconhecendo-o como uma oportunidade. Encontrando-se numa situação como a que a Mireille descreveu, qualquer um poderia ter dito, lamentando-se: «Mas como, estou ainda assim? Estou ainda nesta condição depois de tantos anos?». Ela não, ela ficou contente – escreve – por «descobrir como o Senhor, na sua genialidade, usou um encontro qualquer para nos restituir a nós mesmos», ou seja, veio novamente tomar conta dela e do seu marido. O marido, diante das palavras da mulher, reconheceu a mesma coisa e disse-lhe: «O nosso amor cresceu como uma árvore, sobre a qual os pássaros vêm pousar, e as pessoas encontram a sombra [a casa deles está sempre aberta]... tens razão! Se deixarmos de nos alimentar na fonte, secaremos. Nada daquilo que vemos será ainda possível!».

Quem não desejaria ter amigos assim? «Na sua humildade está a semente de um mundo novo», disse o Papa recentemente, concluindo com um convite: «Frequenta pessoas que conservaram o coração como o de uma criança» (Francisco, *Audiência geral*, 20 de setembro de 2017).

A questão, portanto, é se nós estamos disponíveis para a modalidade com que Deus, através da realidade, «arromba as nossas portas»: pode ser o surgimento de um problema afetivo, como vimos, ou outra coisa qualquer. Não sabemos bem qual será a modalidade com que o Mistério nos irá chamar, como irá decidir arrombar a nossa porta, retomar-nos, impedindo com que continuemos a fazer as coisas sem que estas nos digam mais nada. É impressionante! Nós pensamos já saber como devem andar as coisas, fazemo-las, e não acontece nada, tudo se torna árido. Então o Senhor tem de tomar uma iniciativa audaz para nos fazer sair do formalismo em que sufocamos.

«Para mim a história é tudo; eu aprendi com a história». Agora percebemos melhor por que é que Dom Giussani nunca se cansava de nos dizer isto.

Então, qual é o objetivo de levar a sério os sintomas?

3. RECUPERAR O INÍCIO

Aquilo que nos acontece, os “sintomas” que detetamos em nós, são para nos ajudar a recuperar o *início*, a origem, a pureza original de uma experiência, aquilo que nos conquistou e atraiu. A Mireille mostrou-nos de forma luminosa como é que, através dos sintomas, se deu conta de que Cristo já não era o ponto de partida do seu quotidiano.

À luz do que lhe aconteceu a ela, podemos compreender melhor aquilo que Dom Giussani contou durante os Exercícios da Fraternidade de 1982 (e que agora estamos todos a ler, graças à publicação do livro *Una strana compagnia*). Parece que nos foi dado para responder à situação que estamos a descrever, para nos ajudar a perceber a experiência que vivemos agora e que nos toca até às fibras mais pessoais. As experiências particulares de cada um oferecem-nos sempre uma ajuda para a compreensão das coisas mais decisivas para todos.

Oiçamos, portanto, Dom Giussani: «Na outra noite, num encontro em Milão, observava que, nestes anos, de há uns quinze para cá [diz isto em 1982], em todos estes anos do nosso caminho, é como se Comunhão e Libertação, o movimento, tivesse construído sobre os valores que Cristo nos trouxe. Assim, todo o esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política teve certamente como objetivo o de mobilizar-nos, a nós e às coisas, de acordo com os ideais, as sugestões de valor que Cristo nos deu a conhecer. Mas no início [...] não foi assim» (*Una strana compagnia*, BUR, Milão 2017, p. 88). Di-lo Dom Giussani, falando da situação do movimento, mas poderiam dizê-lo a Mireille e o amigo da carta: «No início não foi assim».

E como é que foi no início?

«No início do movimento, nos primeiros anos, não se construiu sobre os valores que Cristo nos tinha trazido [o primeiro interesse não era esse], mas construiu-se [não é que não se construísse] sobre Cristo, ingenuamente, se quiserem, mas o tema do coração, o factor persuasivo era o facto de Cristo [...]. No início construía-se, procurava-se construir, sobre qualquer coisa que estava a acontecer [como quando duas pessoas começam a andar juntas: aquilo que está a acontecer entre elas é o que as faz fazer tudo], não sobre os valores trazidos e, portanto, sobre a nossa inevitável interpretação desses valores: procurava-se construir sobre alguma coisa que estava a acontecer e que nos tinha revestido. Por mais ingénua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por a termos abandonado, ficando presos numa posição que foi, diria eu, acima de tudo uma “tradução cultural” mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar» (*ibidem*, pp. 88-89).

Aqui vê-se claramente onde é que Giussani identifica a deslocação ocorrida: do entusiasmo por uma Presença a uma posição definida por uma “tradução cultural” ou por uma série de atividades, ainda que certas – atenção! –, porque não é que a Mireille não estivesse a fazer coisas certíssimas, tal como o amigo da carta. Mas isto não basta. A nossa pobreza, a nossa sede, é infinitamente maior do que aquilo que fazemos. Aquilo de que temos necessidade não pode encontrar resposta adequada numa cultura ou numa ética. Esta deslocação pode acontecer a nível pessoal, na relação afetiva entre marido e mulher, entre amigos, pode acontecer na vida de cada um ou na vida do movimento, e a consequência terrível disso, apontada por Dom Giussani, é que «nós não conhecemos Cristo» e portanto a letícia não aparece nos nossos rostos. Fazemos todas as coisas, mas não é o entusiasmo pela presença de Cristo que nos move, como no início. «No início [...] não foi assim» (*ivi*).

Mas como é que foi no início? Giussani é categórico: «Cristo razão da existência, Cristo motivo da nossa criatividade [não existe de modo algum falta de criatividade, portanto], não através da mediação da interpretação, mas de rompante: não existe outra posição que possa ser cristã senão esta». Continua: «Tudo o resto – a mobilização da existência e a criatividade – virá depois, mas Cristo como razão da existência e motivo da criatividade, isso tem de ser recuperado. É como que um apaixonado desejo de recuperar a pureza original da vida do nosso movimento, desconhecida para muitos» (*ibidem*, p. 89). Espero que todos se possam aperceber de toda a paixão de Cristo pela nossa vida neste grito de Giussani: esta pureza original deve ser recuperada. Amigos, isto deve ser recuperado por nós também hoje, se não queremos acabar, como vimos antes, numa situação devido à qual uma pessoa acaba por sufocar, porque tudo aquilo que faz não a enche de letícia.

Impressiona-me como até nos nossos amigos mais jovens brota, das entranhas da vida, a mesma urgência de recuperar esta pureza original. Escreve-me um rapaz dos Liceus: «Fiz as férias “celinas” quase perfeitas, diria eu. Entre férias da comunidade, viagens, serões, Meeting, praticamente não parei. Mas depois, o regresso a casa. Acho que foi um dos piores regressos de férias. Não eram saudades, não

era uma falta, não era um vazio. Era um abismo, uma ferida tão grande, um grito tão forte, que não consegui sufocá-lo. Todos aqueles vazios, acumulados durante o verão, estavam a assaltar-me e dei-me conta de uma coisa: fazia muito tempo que eu não dizia uma oração, mas não uma *Ave-Maria* ou um *Pai-nosso* [recitados de modo formal], não, uma oração verdadeira, um diálogo com o Senhor, um momento em que me punha [diante d’Ele] face a face, para perceber quem sou. Talvez neste período eu até tenha feito “tudo”, mas perdi-me a mim mesmo. Porque este tudo, sem Cristo, é um vazio. Com efeito, como Ele me dá tudo, também me pede tudo. Dei-me conta de que estava a viver o cristianismo “sem” Cristo. A primeira coisa que tinha encontrado era a Sua presença [o início era dominado pelo fascínio pela Sua presença], mas com o andar do tempo encontrei tantas outras coisas que me esqueci d’Ele. Como é que faço para viver o movimento sem me esquecer d’Ele? Como é que faço para manter viva a Sua presença em mim?».

Eis a deslocação: esquecer Cristo enquanto faço tudo; viver o movimento esquecendo-me d’Ele. Mas, cá está, ao mesmo tempo, a novidade: começamos a dar-nos conta de quando Ele nos falta.

Para começar, portanto, a responder à pergunta feita, convém-nos compreender o apelo de Dom Giussani, porque a vida não nos dará descontos. «É devido a esta mudança [do entusiasmo por uma Presença a uma “tradução cultural” como motivo da vida; di-lo em 1982!] que se tornou tão fácil identificar a nossa experiência com um empenho ativista, organizativo ou cultural, às vezes tão exclusivo e autoritariamente definido e conduzido» (*Una strana compagnia*, op. cit., p. 89).

Para recuperar a posição pura da origem, e portanto, aquela dependência que faz cantar tudo, é preciso perceber o que entende Dom Giussani por «tradução cultural», que com tempo tomou a dianteira sobre o entusiasmo por uma Presença. Diz em 1991, e é impressionante apercebermo-nos de como ele sempre nos acompanhou: «O mais traiçoeiro ataque à força do nosso movimento vem da parte de quem usa como premissa a tudo a palavra cultura. É o contrário: a cultura brota [do acontecimento] da decisão para a existência. A cultura primária – como lhe chama João Paulo II – é o eu que pertence ao acontecimento. Perdemos tempo quando não nos centramos no objetivo, que é o acontecimento. Retomar o acontecimento, recentrar o objetivo, significa responder também ao resto. É este o ponto: não uma antipatia pela cultura, mas um contra-ataque sobre a origem da cultura» («Corresponsabilità», *Litterae Comunione CL*, n. 11/1991, p. 34).

4. CRISTIANISMO COMO IDEOLOGIA E CRISTIANISMO COMO TRADIÇÃO

Em 1998, Dom Giussani volta à mesma questão noutros termos: «Tornou-se clara este ano a distinção que descobrimos entre ideologia e Tradição» (L. Giussani, «Avvenimento e responsabilità», *Tracce*, n. 4/1998, p. III). E prossegue juntando a esta uma outra diferença, aquela entre ideologia e Acontecimento. Diz: «O ponto de partida do cristão é um Acontecimento. O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas» (*ivi*), que se torna preconceito e se desenvolve depois

num discurso, ou seja, numa ideologia. Basta que alguém nos magoe para vermos como toda a nossa atitude é determinada pela impressão que este facto deixa em nós, e sobre a qual depois construímos um preconceito e uma visão das coisas.

O ponto de partida do cristão em todas as relações é, pelo contrário, um Acontecimento. O que quer isto dizer? Vemo-lo no episódio que todos conhecemos do prisioneiro, cuja reação depois duma injusta perseguição não fora determinada pela impressão, ainda que má, que tinha tido em relação à forma como tinha sido perseguido, mas por um Acontecimento que tinha entrado na sua vida e que tinha despertado nele uma posição diferente diante da injustiça sofrida: «Como poderia o guarda comportar-se de forma diferente, se não teve a mesma experiência que eu tive, isto é, se o facto de Cristo não o revestiu como me revestiu a mim?». Este exemplo explica coisas que às vezes se tornam difíceis de compreender. É simples: é logo evidente que o seu ponto de partida na relação com aquele guarda não foi a impressão recebida, mas um Acontecimento que o tinha prendido e que o estava a revestir também naquele momento, mudando a sua reação. Sem este acontecimento, tudo seria, com efeito, exclusivamente determinado pelo emaranhado das circunstâncias.

Mas, para que se torne no ponto de partida, é preciso que o acontecimento esteja a acontecer agora, diz Giussani: «Se [...] a origem, o fundamento, o princípio fundador de toda a experiência humana é um Acontecimento», é só porque está a acontecer agora. «Este Acontecimento percebe-se porque está a acontecer agora» (*ivi*). Percebo-o, percebo o seu choque, experimento a sua força de mudança, porque acontece, está a acontecer agora, não porque “já o sei”. O acontecimento é precisamente aquilo que eu não sei já.

Por que é que me impressiona tanto o exemplo do prisioneiro? Porque torna evidente que este acontecimento se percebe porque nos muda, não porque eu tenho a concepção correta dele. Todos sabemos bem o que é o acontecimento, e no entanto, reagimos muitas vezes duma forma totalmente diferente dele. Porquê? Porque não nos basta saber, tal como não basta uma impressão nossa das coisas. O teste se o acontecimento está a acontecer agora – o teste, ou seja, que não se trata de uma teoria, de um saber abstrato, mas de um facto real, que acontece agora, a mim, e que eu reconheço, acolho, e que se torna o ponto de partida de cada movimento meu – é a forma como me relaciono com as pessoas e as coisas. O teste é a novidade que surpreendo em mim, no modo de reagir. Por isso eu não posso falar deste nosso amigo prisioneiro sem pensar em Jesus; com a sua forma de reagir torna Jesus nosso contemporâneo. Devido à relação que vivia com o Pai, Jesus pôde dizer, referindo-se àqueles que o tinham posto na cruz e o insultavam: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23,34). Só podia olhar assim para os seus carrascos graças àquela dependência, àquela Sua familiaridade única com o Pai. A atitude que Cristo testemunha exprime toda a novidade cultural que Ele trouxe ao mundo. Para compreendê-la, é preciso reconhecer o que estava a acontecer no íntimo de Jesus.

Isto introduz-nos à pergunta seguinte: «Como é que se faz um acontecimento passar, ser dado a quem vem agora?». Responde Dom Giussani: «Se é um Acontecimento que se repete, que se repete todos os

dias». Um Acontecimento comunica-se acontecendo. O cristianismo é um Acontecimento e passa de pessoa para pessoa como acontecimento. Não se comunica como um conjunto de ensinamentos ou de preceitos, não é redutível a uma concepção ou a uma cultura. Aqui joga-se tudo. Caso contrário, o cristianismo é reduzido a ideologia. Uma redução que pode até dominar «o modo de conceber muita da catequese cristã», até a forma de fazer Escola de comunidade, até «o modo de conceber o cristianismo e a Igreja» (L. Giussani, «Avvenimento e responsabilità», *Tracce*, n. 4/1998, p. III). Como é que se reconhece um cristianismo reduzido? Pelo facto de que não nos muda.

Foi este o contributo que Dom Giussani deu à vida da Igreja, como disse o cardeal Ratzinger no seu funeral: «Só Cristo dá sentido a tudo na nossa vida; Dom Giussani manteve sempre fixo o olhar da sua vida e do seu coração em Cristo. E compreendeu assim que o cristianismo não é um sistema intelectual, um conjunto de dogmas, um moralismo, mas [...] um acontecimento» (J. Ratzinger, *Homilia no funeral de Dom Giussani*, Milão, 24 de fevereiro de 2005, em A. Savorana, *Vida de Dom Giussani*, op. cit., p. 1218). Mas antes dele, tinha-o escrito João Paulo II em 2002, na carta pelo vigésimo aniversário da Fraternidade: «O cristianismo, antes de ser um conjunto de doutrinas ou uma regra [...], é [...] o “acontecimento” de um encontro. É esta intuição e experiência que V. Rev.^a tem transmitido durante estes anos a muitas pessoas» (João Paulo II, *Carta a Dom Giussani*, 11 de fevereiro de 2002, em *ibidem*, p. 1123).

Esta intuição e esta experiência devem ser recuperadas, se não quisermos acabar sufocados por termos reduzido aquilo que temos entre as mãos. Nesse caso, o movimento já não será de acordo com a sua natureza original, ainda que continuemos a fazer e a dizer muitas coisas.

Dom Giussani convida-nos a dar um passo na direção desta recuperação: «Esta “passagem” de um Acontecimento como o tudo da vida, como explicação total da vida e da história, chama-se Tradição». Estejamos atentos a como ele a descreve, para nos impedir de a reduzir a algo de já sabido: «A Tradição é uma memória que continua [e corrige-se logo], ou melhor, é um acontecimento que continua como memória, na memória. Não é tanto um acontecimento que continua para ser descrito por uma memória: é a memória que é rasgada [impressionante!] por alguma coisa maior, mais poderosa [para que não se cristalice em doutrina], graças à qual se torna no sinal de uma continuidade histórica». Vemo-lo nos discípulos de Emaús: só quando a memória dos factos da vida de Jesus, que eles conheciam bem e que contam ao novo companheiro desconhecido, quando foi «rasgada» pelo acontecimento de Cristo ressuscitado, é que os dois discípulos mudaram e perceberam. Dom Giussani continua: «Ou a memória é entendida, de forma redutiva, em sentido naturalista [...] – [como] uma recordação do passado, uma recordação piedosa, simpática, simpatética, boa, bonita, que torna o coração mais humano ao pensarmos nela –, ou a memória pode ser tudo!», é tudo. Quer dizer: a memória é este acontecimento que volta a acontecer constantemente, que não somos nós a produzir, que não depende de uma iniciativa nossa ou de um poder nosso. «A primeira posição [que identifica a

memória com uma recordação] consiste em reduzir a princípio a forma com que o homem concebe o mundo, sente e trata a vida (pré-conceito)» («Avvenimento e responsabilità», cit., pp. III-IV).

Mas – atenção ao que se segue – «se o cristianismo se torna nisto, se é passado como concepção, como doutrina, como forma de conceber e de tratar, também o cristianismo se converte numa ideologia. Foi aquilo que nós objetámos à situação da Igreja nos tempos modernos: a forma de conceber a moralidade não nascia de Cristo, do acontecimento de Cristo, mas como algo eficazmente produzido por uma interpretação da vida, que o coração sentia com simpatia, criticamente documentada (de forma tentada, pelo menos), e assim a ontologia foi esquecida, foi praticamente [é muito significativa a palavra que usa] “desvitalizada”, como quando tiram o nervo aos dentes» (*ibidem*, p. IV).

O que é que foi «desvitalizado»? A ontologia nova, ou seja, o facto de que o cristianismo é um acontecimento («A ontologia – isto é, o anúncio de que Deus se fez homem e que este acontecimento, no sentido histórico do termo, continua na história porque aquele homem ressuscitou: “Estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo”»; *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Marietti 1820, Génova 1999, p. 71). Não é que esta ontologia – como vimos nos testemunhos que citei no início – seja “negada”, mas é esquecida, dada por adquirida, ou seja, já não é o ponto de partida da relação com toda a realidade, como dizia a Mireille. E então a relação esvazia-se, porque não é capaz de se sustentar por si. Que a ontologia seja desvitalizada significa que a forma de conceber e de tratar as coisas já não tem como fonte o Acontecimento. «Percebem o que é que eu queria dizer – continua Dom Giussani – quando falei dos dez anos pós 68, nos quais dominou entre nós a ideia da cultura não como derivada de Cristo, mas o sermos reconhecidos pelo mundo por uma cultura que tínhamos?» (L. Giussani, «Avvenimento e responsabilità», cit., p. VII).

Se nós não percebemos isto, se não recuperamos a origem, nenhum esforço conseguirá restituir-nos a plenitude que só a Sua presença pode dar-nos, nem tornar-nos protagonistas de uma cultura nova, porque só o Seu acontecimento presente pode gerar uma concepção verdadeira das coisas. Tal concepção deve continuamente renascer da fonte que a gerou, e documentar-se através do recontar de um testemunho vivo, deve tornar-se visível na experiência concreta de alguém. Só deste modo poderá transmitir-se, passando de uma pessoa para a outra. Falaram-me do casamento de dois amigos nossos. Os colegas da esposa, espantados, perguntam-lhe: «Mas como é que te casas tão nova? E para toda a vida?». Depois participam no casamento e ficam surpreendidos, tanto que mal ela regressa da viagem da lua de mel lhe falam ainda da beleza do dia do casamento. Uma concepção nova é constantemente gerada por um acontecimento presente e “passa” acontecendo.

A tradição, dizia von Balthasar durante os Exercícios pregados com Dom Giussani na Suíça, no início de 1971, «a “*traditio*”», ou seja, aquilo que Deus transmitiu aos homens, é «o dar-se do Filho através do Pai para a salvação do mundo» (H.U. von Balthasar - L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*, Jaca Book, Milão 2017, p. 89). Isto é a *Traditio*: o dar-se de Cristo ao mundo através do Pai, segundo o desígnio do Pai. E este dar-se – a Tradição – não pode reduzir-se a uma concepção, a uma

doutrina. «A presença do Acontecimento original, a concretização hoje do Acontecimento original, que se tornou presente todos os dias do tempo até agora, chama-se Tradição: esta, portanto, constitui o repetir-se todos os dias do Acontecimento primitivo, do Acontecimento original» (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 66).

O cristianismo reduzido a ideologia “abre mão” do Acontecimento: ao centro já não está o Acontecimento, mas um sistema de pensamentos – ainda que derivados daquele Acontecimento – desgarrados da fonte. Restam as consequências culturais e éticas, propostas por si mesmas, numa espécie de autossuficiência, e que por isso, inevitavelmente, começam a desnaturar-se. Temos de perceber bem isto.

5. A “NOSSA” TENTAÇÃO ILUMINISTA

A este ponto, podemos perceber com o que é Dom Giussani está às voltas quando diz estas coisas: com aquela mentalidade que reduz tudo a doutrina. É a tentação do Iluminismo, como nos disse o Papa Bento XVI, que pensava salvar as grandes verdades do cristianismo, os valores cristãos, tudo aquilo que trouxe o cristianismo, desligando-o do Acontecimento que o tornou e o torna constantemente vivo. Vemo-lo em Kant quando afirma: «De facto, pode-se crer tranquilamente que, se o Evangelho não tivesse ensinado primeiro as leis éticas universais [os valores] na sua íntegra pureza, a razão não as teria conhecido na sua totalidade, se bem que agora, *dado que já existem*, cada um pode ser convencido da sua justeza e validade apenas através da razão» (I. Kant, *Carta a F. H. Jacobi*, 30 de agosto de 1789, em Id., *Questioni di confine*, Marietti 1820, Génova 1990, p. 105). Na época do Iluminismo pensava-se, como ilustra Kant, que tudo aquilo poderia durar porque a razão era agora capaz de o reconhecer, mas com o tempo aquela tentativa revelou-se um falhanço. Agora podemos entendê-lo, porque acontece também em nós e entre nós: se nos separamos do acontecimento de Cristo, do acontecimento vivo do carisma, ficamos ofuscados e não serve de nada aquilo que fazemos.

Nós vamos ter a mesma sorte do Iluminismo, apesar de nós mesmos, se não entendermos como é que se transmite o cristianismo, como é que permanece o carisma. Com todos os textos de Dom Giussani ao alcance da mão, poderemos falhar. É isto que está em jogo. As discussões entre nós e toda a avalanche de palavras que às vezes despejamos em cima de nós não resolvem o problema. Tal como vimos desmoronar-se tudo à nossa volta, do mesmo modo poderemos vermo-nos a nós a desmoronar.

Como é que podemos evitar o risco de sucumbir à tentação (“iluminista”) de pensar que bastam os textos do Evangelho ou os textos de Giussani? Como evitar que tudo se cristalize em doutrina desvitalizada? Oíçamos diretamente Giussani, porque nos comunicou tudo aquilo de que temos necessidade para caminhar: «O acontecimento não identifica apenas qualquer coisa que aconteceu e com a qual tudo começou, mas também aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. Aquilo que se sabe ou aquilo que se tem torna-se experiência se

aquilo que se sabe ou aquilo que se tem é alguma coisa que te é dada agora: há uma mão que to estende agora, há um rosto que sobressai agora, há sangue que escorre agora, há uma ressurreição que acontece agora. Fora deste “agora” não há nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, mudado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é alguma coisa que me está a acontecer» (Cf. ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO ECLESIAL *MEMORES DOMINI*, documento mimeografado intitulado «Dedicazione 1992 Rimini, 2-4 de outubro de 1992»).

Por isso, ainda em 1998, dizia: «É uma questão de conversão». Mas conversão a quê, a quem? Para evitar equívocos, esclarece logo o sentido do seu convite: «Se não há uma conversão de ti [de cada um de nós], não a mim [Giussani dizia isto referindo-se a si], mas a Jesus, que te prende através da minha mão; se a consciência do nosso discurso não gera conversão em ti, não há responsabilidade», não há resposta. «Para comunicar uma vida no carisma que te foi dado, é necessário viver a conversão: não a mim [repete-o], mas àquilo que me foi dito [e dado]» (L. Giussani, «Avvenimento e responsabilità», op. cit., pp. VII-VIII).

Aqui surge toda a caridade de Giussani para conosco, porque para nos fazer entender as coisas que nos diz, não insiste numa explicação, mas propõe-nos um caminho: «Eu queria fazer-vos fazer o caminho através do qual todas as coisas que digo surgiram, nasceram em mim» (*ibidem*, p. VIII). Portanto, para evitar reduzir aquilo que ele diz ao que nós temos na cabeça, à nossa interpretação, temos de aprender a identificarmo-nos com a forma como as coisas nasceram em Dom Giussani, para que possam nascer também em nós hoje – como pede aquele rapaz dos Liceus. Só quando as coisas que nos dizia acontecem de novo é que podemos compreendê-las sem fazer reduções. Portanto, como é que podem acontecer hoje? De onde é que nascem? Como é que podemos, hoje, fazer novamente o caminho no qual estas coisas surgiram nele? Onde é que acontecem hoje as coisas que nos dizia?

6. A CONTEMPORANEIDADE DE CRISTO, ORIGEM PERMANENTE DAS DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Um «conhecimento novo implica [ao contrário daquilo que pensava Kant] [...] uma contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta». Dito com as palavras do Davide: implica a dependência total. Porque tudo nos é dado. O caminho para viver aquilo que dizemos não é o “já o sei e agora vou geri-lo com a minha inteligência ou com o meu esforço”. Não podemos recriminar Giussani por não nos ter avisado: o conhecimento novo só se afirma em nós se estivermos em «contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta». E «uma vez que esta origem não é uma ideia mas um lugar, uma realidade viva, o juízo novo só é possível numa relação contínua com esta realidade [viva], ou seja, com a companhia humana que prolonga no tempo o Acontecimento inicial» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 75).

Dom Giussani nunca deixou de nos indicar o caminho: «As coisas que nós compreendemos, com efeito, não as compreendemos porque nos sentamos à volta duma mesa e fazemos um programa de estudo para as compreender, não as compreendemos como corolário dum projeto de meditação [“agora já tenho os textos, vou pensar eu sobre isto”]; compreendemo-las se aderirmos como crianças à história de Deus na nossa vida, à história através da qual Ele quer arrombar totalmente todas as nossas portas, porque somos feitos d’Ele» (L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 140). O caminho é simples, como me escreve esta amiga: «Dou-me conta de que quanto mais levo a sério a hipótese de trabalho que o movimento me propõe, mais vejo as coisas à minha volta de uma forma diferente, mais profunda, mais verdadeira».

Ou o Deus dos nossos pensamentos ou o Deus da história: é diante desta alternativa que se encontra cada um de nós. Não é um problema de maior ou menor habilidade, porque a este nível da questão a habilidade ou a nossa capacidade de *performance* não bastam. É um problema de atitude, de método. Recordámo-lo em muitas ocasiões este ano, fazendo referência ao Inominado. E nestes últimos tempos, temo-lo recordado com aquela fórmula preciosa de Dom Giussani a propósito da «história particular» que nunca me cansarei de repetir: é uma «história particular [...] a chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82).

Este é o grande desafio diante do qual se encontra cada um de nós. Como me escreve um amigo que tinha saído do movimento e ficou afastado trinta anos. Se ainda não o fizeram, podem ler a sua carta na *Tracce* de setembro. Depois de ter contado as experiências da sua vida, diz: «Cai-nos muita coisa em cima. Levantar-se de manhã torna-se mais duro, e nem sequer as pastilhinhas “milagrosas” dos antidepressivos parecem fazer efeito. Estás debaixo do peso das coisas que passam. Começas a pensar que o bom da vida já está para trás das costas e que [agora] não resta muito. Agora já não basta o meu esforço, o meu desempenho, [...]. Chegados a este ponto, a vida torna-se simples: ou cristo tem letra minúscula, ou seja, é o meu deus, que dobro à minha vontade e à minha inteligência, e então estamos só a provocar-nos; ou Deus é o da história [...]. Não voltámos [está a falar de si e da sua mulher] [...] porque somos bons. Voltámos porque Alguém nos reconduziu a casa» («Voltar para casa, trinta anos depois», *Tracce*, n. 8/2017, p. 9). Voltaram porque voltou a acontecer o início, através do encontro com um de nós, no lugar, na realidade viva do nosso povo. Vemos isso a toda a hora.

Por isso volto sempre à figura do Inominado, porque a consciência nova de si, da Lucia, da vida e de toda a realidade que o invadiu nasceu nele do acontecimento da relação com o Cardeal Federigo. Se não lhe tivesse acontecido esse facto, que o tornou pobre, tudo o resto não teria bastado. Não é que não tivesse o juízo claro de que estava a fazer o mal e que não sentisse remorso. Sabia-o, ainda que não até ao fundo, mas não bastava para poder sair daquela sua situação.

Resumidamente, o Inominado recorda-nos qual é a posição de pureza que nos volta a ser dada no encontro com Cristo e recorda-nos também que o método da origem, do início, é o mesmo da

continuação: não é que o cristianismo aconteça, por assim dizer, de uma vez por todas, depois de que eu “o sei” e, portanto, o desenvolvimento está nas minhas mãos, mas é uma coisa que me é sempre dada de novo, é um olhar que me volta a ser dado agora.

Eis, então, como Dom Giussani descreve o passo a dar: «A modalidade com a qual nasce o critério para ajuizar [...] [é] apontada pela palavra *olhar*. Trata-se de estar diante do acontecimento encontrado sem trincar, a um dado momento, a lealdade do olhar [porque quando deixamos de O olhar, afundamo-nos, como aconteceu a Pedro] [...]. É uma lealdade do olhar para o acontecimento o que permite fazer nascer em nós o critério novo de juízo e não ser dominado pelos critérios do “mundo”» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 76). Caso contrário, pensaremos que estamos a fazer uma cultura nova, mas na realidade estaremos apenas a repetir aquilo que diz o mundo.

Como é que se vê se o acontecimento está presente na nossa vida? Se nos torna mais pobres. Se hoje sairmos daqui mais pobres, mais desejosos – como o Inominado – de ficar ali, obstinadamente, à porta do Mistério, do Mistério feito carne, contemporâneo, que está a acontecer agora através dos rostos da nossa companhia e que para ele passava através do rosto do Cardeal Federigo.

É esta a maturidade que nos permite não perder a origem: a consciência cada vez mais clara de que aquilo que nos salva é um Outro, ou seja, a consciência da nossa dependência, o despertar em nós daquela pureza, daquela pobreza última que o acontecimento de Cristo gera em nós e a que nos chama o Papa na carta que nos escreveu na conclusão do Jubileu da misericórdia (retomámo-la nos Exercícios da Fraternidade). Aquela pobreza de espírito, que nos torna disponíveis para Ele, é o sinal do Seu “acontecer”, o sinal de que o Acontecimento está a acontecer agora a mim. Como demonstra esta pessoa que me escreve: «Desde ontem que tenho nas mãos o passe para participar na Jornada de início... Que provocação, logo no título: “No início não foi assim!”, e interrogo-me imediatamente sobre o lugar que Cristo tem nos meus dias, não a partir de amanhã, mas agora já, quando um outro dia me é oferecido como ocasião de reconhecimento e de testemunho».

«Meus amigos – nunca usei a palavra “amigos” tão conscientemente como agora [e também eu vos repito numa forma igualmente consciente: “Meus amigos”] –, temos de andar por esta estrada, todos vocês que aqui estão, estão aqui porque foram chamados a esta estrada. Não querer mais bem à vossa mulher, não querer mais bem aos amigos, não querer mais bem aos filhos, saberão o que quer dizer ter piedade, saberão o que quer dizer perdoar, saberão o que quer dizer sacrificar-se para construir, para que os outros estejam melhor, saberão ser humanos, serão mais humanos. “Quem me segue terá a vida eterna”, que é Ele, a relação com Ele» (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*, BUR, Milão 2014, pp. 226-227). Dom Giussani não se afasta nem uma vírgula! A vida eterna é Cristo, a salvação é Ele. E só permanecendo ligados a Ele nesta estrada é que podemos ver reflorescer as relações, construir, estar abertos aos necessitados, ser cada vez mais humanos.

É na relação com Ele que podemos experimentar o cêntuplo: «Cem vezes a humanidade que têm em cima florirá, florirá cem vezes mais do que nos outros, e não haverá nada que a descomponha, que a conturbe a ponto de lhe fazer medo, não terão medo de nada» (*ibidem*, p. 227), ao passo que tudo se desfaz mal nos desligamos d’Ele.

O acontecimento de Cristo permanece na história, torna-se visível hoje, seguindo a modalidade que Ele escolheu: «A nossa companhia é o lugar onde esta presença “está”, é reconhecida, mais facilmente amada, onde esta presença perdoa tudo, e por força deste perdão nenhum de nós consegue ficar de braços cruzados e queremos fazer alguma coisa de bom, o bem, o bem para nós e para os outros» (*ibidem*, p. 228). As dimensões da experiência cristã (cultura, caridade e missão) brotam assim da origem que é a fé. Não estão desligadas (como queria Kant), mas unidas desde a origem, expressão da origem. Por isso estou curioso em ver que criatividade irá surgir desta recuperação do início, se nós respondermos ao convite de Dom Giussani, e como responderemos à necessidade que iremos encontrar nos nossos ambientes, para o bem de todos. Quem sabe que novidade de vida nos surpreenderemos de ver, como aconteceu neste verão em muitas férias (já o dizia o Davide), ou como está a acontecer entre os universitários, como podem ler na *Tracce*!

E qual é a forma deste nosso “ser para”? O testemunho. «A tarefa da [nossa] vida é testemunhar esta presença, reconhecê-la e testemunhá-la» (*ivi*) – não temos tesouro maior entre as nossas mãos do que esta Presença –, não formalmente, não como uma coisa já sabida, desvitalizada, mas como a resposta mais pertinente às exigências da vida. É para tornar experimentável esta resposta que nasceu o movimento, e o sinal mais evidente de tal experiência é a letícia.

Concluo com o convite que nos dirige Dom Giussani: «O acontecimento de Cristo tem a ver com o agora, tanto que o muda eficazmente, mais eficazmente do que todos os recursos sociais que se possam imaginar, porque a palavra “alegria”, ou “letícia” [que tantas vezes falta em nós], não pode ser o objetivo assegurado de nenhum recurso social, ainda que concebido de forma nova [não é o resultado de alguma coisa que nós fazemos]. O dever supremo de quem tem fé, do protagonista da história neste povo novo, é precisamente o de demonstrar, de testemunhar a verdade do acontecimento de Cristo através duma letícia que permanece também nas circunstâncias piores da vida, sendo a letícia a referência excecional, vertiginosa, de uma mudança acontecida, revelando assim uma ontologia nova» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 179).

Não há desafio maior do que este, não existe aventura mais fascinante do que esta, especialmente neste momento histórico. Nada, então, é mais precioso e desejável do que o facto de que aconteça em nós um olhar de homem livre, como diria Péguy. Hoje não existe nenhuma ideia ou hábito que possa sustentar o caminho. Tudo se apoia na liberdade. Peçamos ao Senhor este olhar de homem livre, que quer ser de Cristo pela única razão pela qual se pode decidir pertencer-Lhe hoje: porque é o Único que responde à expectativa do nosso coração.

Por isso desejemo-nos ser fiéis a esta consciência do Mistério presente que Dom Giussani nos testemunhou até ao último dos seus dias e a que hoje vemos constantemente o Papa Francisco apelar com o seu convite a regressar ao essencial. Não serão as nossas energias ou as nossas capacidades a fazer surgir algo de verdadeiramente novo, verdadeiro, completo, mas só o Senhor poderá ser o seu artífice, se quiser usar ainda o nosso pequeno e quotidiano “sim” para continuar a gerar este povo como sinal de esperança para todos.

Aproveito esta ocasião da Jornada de início de ano para sublinhar a importância de nas nossas comunidades cuidarmos de alguns gestos e instrumentos fundamentais para a educação e a vida do movimento. Hoje sublinho dois, de entre todos.

A **oração**: é preciso reconhecer (como dizia também o jovem dos Liceus citado) o que nos faz recomeçar, aquilo que Senhor pode fazer, se nós dermos tempo a esta relação única que nos regenera constantemente a partir dos factos que acontecem na vida. Porque a oração cristã não é mais do que memória; a começar pela Eucaristia, o gesto mais poderoso de memória no sentido mais verdadeiro do termo, como um acontecimento que está a acontecer no momento em que se celebra. Mas para que isto faça caminho em nós é preciso que o silêncio se torne cada vez mais habitual, para nos dar o tempo de voltar a determinadas coisas, senão a mentalidade comum difunde-se. Sem silêncio não há possibilidade de que Ele penetre na vida. Nossa Senhora guardava tudo no seu coração, e muitas vezes o nosso coração está cheio de tudo menos d’Ele, como vemos. Por isso não cresce o entusiasmo pela Sua presença. Se não temos tempo para esta relação, para esta memória, tudo o resto irá pagar as consequências. Sufocaremos. Poderemos fazer de tudo, sem que a letícia apareça nos nossos rostos. Porque falta Ele. Não é aquilo que fazemos que nos torna alegres, mas esta relação única com Cristo que se estende, depois, a todo o dia. Não é uma alternativa ao fazer: o ponto é que aquela relação penetre em tudo aquilo que fazemos; caso contrário, tudo aquilo que fazemos não tornará a vida plena e cheia de letícia.

O **canto**: que cresça a paixão pelo canto; o desejo de cantar cada vez melhor em conjunto é uma tensão que não devemos perder. Todos nos damos conta da ajuda que é cantarmos bem em conjunto. Dom Giussani fascinou-nos com uma tal forma de cantar juntos, de fazermos as coisas juntos, que quando cada um avança por conta própria para se afirmar, isso resulta absolutamente insuportável. Se nós perdermos esta tensão, perdemos algo de essencial. Por isso devemos dar tempo para cuidar do canto e dos ensaios dos cantos nas nossas comunidades, para poder transmitir uma determinada forma de cantar.

